

Economia Brasil

Visão da semana: a recuperação

A economia continua dando sinais de reativação este ano. Apesar da persistência de um agudo processo inflacionário e das dificuldades que o programa de ajustamento impõem, é possível perceber que o pior momento da recessão está superado. Resta ver, agora, quais são as condições para que o crescimento seja alcançado e mantido sob controle.

Claro está que a diferente situação de cada setor exige uma atenção particular, muitas vezes traduzida por medidas de caráter emergencial. É o caso do que se verificou com o setor habitacional. O BNH decretou mais um conjunto de modificações importantes, mediante a concessão de bônus aos mutuários. As prestações serão relativamente aliviadas a curto prazo; no entanto, a esperada reestruturação de todo o esquema de financiamento à moradia própria foi novamente adiada. Pode-se argumentar que a crise justifica a produção de medidas como essa. De qualquer modo, não exclui por definição a formulação de um plano que contemple os reais problemas do setor.

Mais uma vez, a equivalência salarial não foi o princípio motor a nortear a atitude dos técnicos oficiais, talvez em função da perspectiva de mudança na política de salários a curto prazo. Teoricamente, o mutuário recebeu um desconto na sua prestação, a construção civil pode vender mais durante o prazo de vigência do bônus. Encerrada essa fase, os riscos de implosão dessa política habitacional voltarão a manifestar-se com a mesma intensidade...

Na área industrial, os diversos indicadores têm evidenciado uma tendência de crescimento regular para o setor. Houve, em função da crise, importantes modificações em termos de produtividade e de qualidade, levando a indústria a solidificar-se, inclusive no plano financeiro. Embora não se tenha ainda recuperado o desempenho do início da década, é visível uma retomada da expansão das empresas, a qual contrapõe-se à fase de busca de recursos para o simples saneamento

econômico. Os dados relativos ao crescimento do consumo de energia elétrica — previsto para 11% neste ano, segundo a Eletrobrás — confirmam a tendência mencionada. O governo poderia, por seu lado, apoiar mais decisivamente esse processo, firmando uma posição decidida sobre a política salarial e sobre as pequenas empresas, apressando a concretização de provisões já conhecidas.

O mercado financeiro ainda viveu uma semana de ajustamento às recentes medidas do Conselho Monetário Nacional. O Banco Central revogou o tabelamento dos juros para todos os segmentos de atividade, o que chegou a preocupar alguns empresários, temerosos de que o custo financeiro volte a subir. Embora o tabelamento jamais tenha funcionado, há o entendimento de que serviu para inibir maiores elevações. A maioria das opiniões, contudo, tende a convergir para o consenso de que as autoridades simplesmente oficializaram algo que existia na prática rotineira do mercado.

No setor agrícola, foram reajustados os preços da cana-de-açúcar e dos demais derivados. Os percentuais foram razoavelmente bem recebidos e os fornecedores de cana esperam que os pagamentos devidos pelos usineiros sejam normalizados. O leite especial ganhou novo preço (37% de reajuste), aguardando-se agora a remarcação do tipo B. No Exterior, prosseguiram as negociações para a renovação do Acordo Internacional do Café, sem que se tenha chegado ainda a um entendimento entre países produtores e nações consumidoras.

A expectativa da próxima semana concentra-se sobre a reunião anual do FMI e do Banco Mundial. Os dois organismos têm, atualmente, uma visão distinta da crise e dos obstáculos a serem transpostos, o que se traduz por formas diferentes de fortalecer suas respectivas atuações. O tema central, este ano, é o acordo entre a Argentina e o FMI, após uma fase de difíceis negociações entre ambos, mas que parece ter condições de ser positivamente superada.